

SANTUÁRIO DE CARAVAGGIO E A MODERNIZAÇÃO DE ESPAÇOS SACRALIZADOS: NOTAS ETNOGRÁFICAS DE UMA ROMARIA NA SERRA GAÚCHA

José Rogério Lopes

*Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil**

Adimilson Renato da Silva

*Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil***

Resumo. Este artigo discute alguns elementos modernizantes presentes nos ritos de peregrinação e devoção da religiosidade popular, no catolicismo brasileiro, mais especificamente, na Romaria de N. Sra. de Caravaggio, em Farroupilha, RS. A problematização proposta considera a estrutura e a espacialidade do Santuário, na cidade, o trajeto de peregrinação de devotos em dias centrais dessa festividade e os discursos e lógicas de apropriação de bens simbólicos na devoção. As lógicas operantes dos atores-devotos imbricados neste “ato de fé”, típico das devoções Marianas, se estabelecem em práticas que tecem uma gesticularidade própria, na trama abrangente de significações importantes à composição, ruptura ou atualização da religiosidade popular que, em tempos mais recentes, são “enfrentadas” pela racionalidade modernizadora que (re)configura o espaço/tempo do agir devoto. Seguindo deste contexto, poder-se-á também visualizar, entremeadas à estrutura ritual da Romaria de Caravaggio, uma identidade regional que permanece ora latente, ora manifesta, nos rituais devocionais desse evento.

Palavras chave: Catolicismo tradicional popular, Romaria de Caravaggio, Estratégias de modernização.

Abstract. This article discusses some modernizing elements present in the rites of pilgrimage and devotion of popular religiosity, in Brazilian Catholicism, more specifically, in the Pilgrimage of N. Mrs. Caravaggio in Farroupilha city, RS. The problematic proposal considers the structure and spatiality of the Sanctuary in the city, the path of pilgrimage for devotees in central days of this festival and the discourses and logics of appropriation of symbolic goods in devotion. The operating logic of the actors-devotees interwoven in this “act of faith”, typical of Marian devotions, establish themselves in practices that weave gestures themselves, weft comprehensive meanings important to the composition, rupture or update of popular religiosity, which in more recent times, are “faced” by modernizing rationality that (re)configures the space/time devotee of the act. Followed this context, power will also see, interspersed with ritual structure of the Pilgrimage

of Caravaggio, a regional identity that remains now latent, sometimes manifested in devotional rituals that event.

Keywords: Traditional popular Catholicism, Pilgrimage of Caravaggio, Modernization strategies.

Introdução

O foco desse artigo orienta-se a um tema muitas vezes negligenciado pelo debate acadêmico que, ao naturalizar dinâmicas existentes nos encontros e desencontros de atores participantes das manifestações devocionais da religiosidade popular, perde a oportunidade de empreender uma compreensão mais profunda dos seus fenômenos imediatos. Contrários a essa tendência, propomos aqui uma abordagem fenomenológica da Romaria de Caravaggio, em Farroupilha, RS, buscando tecer conexões, articulações e correspondências mais próximas do mundo vivencial dos devotos que dela participam.

Desde as primeiras incursões etnográficas no contexto, percebemos que tais devotos estabelecem suas práticas em contextos de manifestações religiosas carregados de sentidos da labuta cotidiana e das certezas/incertezas impostas pelas exigências de transformações geralmente assimiladas no próprio ato de profissão da fé, como no caso das romarias marianas.

Nesse sentido, trazemos à discussão elementos históricos básicos para pensar diacronicamente alguns desdobramentos dessas transformações, na atualidade, desde implementações e agenciamentos em disputa na configuração da espacialidade devocional do Santuário de Caravaggio, em Farroupilha, e algumas relações estabelecidas pelos devotos em seu “ato de fé”. A abordagem adotada esforçou-se em salientar uma dimensão intersubjetiva, constituída entre os interesses de pesquisa¹, seus atores propriamente ditos e a posição que ocupamos como pesquisadores, em coetaneidade². Já as lógicas operantes na pesquisa buscaram objetivar as observações desde ângulos problematizadores das vivências dos atores envolvidos (Van Velsen, 1997), otimizando um arcabouço metodológico importante para a compreensão das nuances e possibilidades das sociedades complexas, em uma postura propositiva e ética (Velho, 1994). Desse modo, o trabalho etnográfico buscou percepções “entre” as incongruências

e limitações das apropriações empíricas, para estabelecer não mais que um recorte de determinada realidade e, atendo-se aos dados aí coletados, recompor cenários, trajetórias, linhas de percepção, visando apreender as significações entremeadas de sentido dos atores, em suas experiências no mundo da vida (Geertz, 2008).

No caso da Romaria à N. Sra. de Caravaggio, que remonta a experiências religiosas oriundas da Itália e trazidas para a região serrana do sul do país por imigrantes que ali se estabeleceram em finais do século XIX, os ângulos de problematização do fenômeno incluem uma necessária, mesmo que sucinta, revisão histórica, antes da descrição das modulações operantes no presente.

O escopo desses ângulos problematizadores busca configurar um panorama de análise que abre margens para dimensionar reflexividades possíveis nessas manifestações, buscando tornar inteligíveis diferentes práticas que gravitam o entorno do cenário composto pela Romaria de N. Sra. de Caravaggio, em uma paisagem devocional ampliada.

Romaria de Caravaggio: fragmentos de história na paisagem devocional

A Romaria de N. Sra. de Caravaggio, em Farroupilha – RS³, teve sua 133ª edição no ano de 2012 e suas origens remontam a meados do segundo quartel do século XIV, na Itália⁴. A vinda de imigrantes italianos ao sul do Brasil, em finais do século XIX, estimulada pela estratégia de ocupação de terras proposta desde o período colonial, foi também motivada por um contexto europeu marcado por guerras e conflitos civilizacionais, que gravitavam em torno de disputas por territórios e de afirmação de projetos nacionalistas e modernizantes.

Emergem desse contexto dois mitos constantemente atualizados ao longo das atividades da Romaria. O primeiro refere-se à aparição de Nossa Senhora a uma camponesa chamada Joaneta, no ano de 1432, em um prado próximo à cidade de Caravaggio, entre Milão e Veneza, na Itália⁵.

Joaneta, devota fervorosa da Virgem Maria, era conhecida por sua piedade e sofrimento, pois passava por fortes maus-tratos do marido, um ex-soldado que trazia em seus atos a marca de tempos de guerra e conflitos, que concomitantemente afixam a Itália nessa época.

Durante seu trabalho de colher pastos, em um prado próximo da cidade de Caravaggio, a camponesa se depara com uma mulher. Em um primeiro momento, a mulher lembra a imagem de uma rainha, percebida nos instantes seguintes como a própria Virgem Maria, tendo esta se auto declarado, após solicitar que Joaneta ficasse de joelhos à sua frente: “Tenho conseguido afastar do povo cristão os merecidos e iminentes castigos da Divina Justiça, e venho anunciar a Paz”.

Posteriormente ao seu pedido para que as pessoas voltassem a se comprometer com os ritos da Igreja – penitência e oração – a Virgem de Caravaggio deixa como sinal da aparição uma fonte de água pura e corrente, sendo esta utilizada desde aquele momento pelos devotos que a este espaço recorrem, em vias de efetivação de almeçadas graças.

Depois de ter cumprido o seu papel de porta voz do pedido da Virgem, Joaneta é relegada ao anonimato, deixando uma lacuna que é preenchida pela permanência de N. Sra. do Caravaggio no meio de seu povo⁶, participando esta das angústias e necessidades dos tempos em mudança, e transfigurando-se na própria cultura como companheira do povo em caminhada.

O segundo mito poderia ser descrito como o “confito colono”, devido à situação em que se encontravam algumas famílias de imigrantes italianos chegados em finais da segunda metade do século XIX, nas terras em que se encontra hoje a cidade de Farroupilha.

Este período remonta a tempos em que as forças clericais não exerciam tanto poder sobre as práticas dos devotos, existindo poucos padres para o atendimento aos féis. Estes passavam a ter maior autonomia sobre sua própria orientação religiosa, vinculada basicamente pelo culto aos santos (Hoornaert, 1983; Benedetti, 1983; Brandão, 1986). E na lacuna deixada pela insuficiência de padres para o atendimento das populações de imigrantes que aqui aportavam, orienta-se um princípio de organização social, segundo Steil (2004, p. 16): “Na ausência do ‘pároco da aldeia’, foi preciso organizar as comunidades de migrantes em torno de capelas, dirigidas por uma diretoria de leigos, responsáveis pelo culto e pela organização das festas religiosas, centro da vida social destas comunidades”.

Esse contexto tem como resultado constantes conflitos em torno de uma maior normatização, por um lado, e, de outro, a reivindicação em estabelecer práticas historicamente constituídas em experiências de aproximação, uso, eficácia, atribuição de condutas de devotos, características

do catolicismo tradicional popular. Como a imigração ao Brasil deu-se de diferentes regiões da Itália, se estabelecem aqui, além de costumes e gostos em torno da cozinha, música, dialetos, também diversas devoções a santos cultuados no país de origem.

No caso em questão, as indicações familiares para patrono da comunidade se dividiram entre Santo Antônio, descartada pela grande maioria dos imigrantes, e N. Sra. de Loreto, cuja imagem não foi encontrada. A resolução do impasse se dá quando os integrantes da comunidade aceitam a proposta realizada pelo Sr. Natal Fáoro:

É que, após novas conversações, o imigrante Natal Fáoro propôs fosse a Capela dedicada a N. Sra. de Caravaggio. No caso afirmativo da parte da sociedade ali congregada, ele cederia, de momento, um quadro da Virgem milagrosa que trouxera da Itália. [...] Incorporando-se à leva que veio para o Brasil em 1876, Natal, sua mãe e a família trouxeram o precioso quadro doméstico que, assim como os protegera na Itália, também os ampararia nas terras gaúchas (Bertuol, 1951, p. 111).

Assim, a imagem de N. Sra. do Caravaggio é escolhida como guardiã não somente do capitel de adoração construído pelos colonos, mas sobretudo, das atividades agrícolas que eram introduzidas aos poucos nas novas terras, apropriadas para a reprodução de culturas trazidas de diversas regiões da Itália.

E são esses registros de possibilidades narrativas que conformaram o novo cenário que estava a se configurar nessa região, cuja marca anterior era explicitada pela pujança do gaúcho livre dos pampas, trabalhador das Charqueadas, base econômica do estado do Rio Grande do Sul, no período do Brasil Imperial.

Inicialmente, os imigrantes construíram um capitel de madeira de 12 m² para o culto dedicado a Nossa Senhora de Caravaggio, que logo se mostrou insuficiente para atender os devotos que se dirigiam à então colônia. Os imigrantes buscaram doações que permitiram ampliar o capitel em uma capela bem maior, inaugurada em 1879 (Bertuol, 1951). E desde a gênese da devoção, no país e na região em foco, repete-se uma peregrinação anual de devotos e romeiros de cidades próximas à Farroupilha (sobretudo da cidade de Caxias do Sul), durante o mês de maio, quase sem interrupção.

Já nos primórdios de sua realização, as Romarias impuseram à comunidade local a necessidade de ampliação da capela local, e foi construída uma Matriz na região,

inaugurada em 1890 pelos imigrantes que povoaram a então Linha Palmeiro, que pertencia à colônia Dona Isabel (Bento Gonçalves/RS). Numa época em que as casas eram fabricadas em madeira ou pedra, eles improvisaram uma olaria para fazer os tijolos. Pedras só no campanário que abriga um relógio fabricado por Augusto Rombaldi no ano de 1900 e os três sinos importados da Itália, que segundo os moradores mais antigos da comunidade de Caravaggio, ao longo dos anos tem afastado as chuvas de pedra da região com o som. O pintor Cremonese fez a decoração interna, que pode ser apreciada até os dias de hoje (disponível em: <http://www.caravaggio.org.br/site/santuario_antigo.php>, acesso em 15/10/2011).⁷

Essa Matriz e a paróquia local, elevadas à Santuário Diocesano em 1921, passam a ter clérigos regulares que substituem progressivamente a comunidade de imigrantes na organização da dinâmica das romarias. Até a metade do século XX, essa organização permitia, inclusive, que os devotos e romeiros fixassem ex-votos nas paredes internas da Matriz, tornando-as quase totalmente coberta pelos mesmos.

Ocorre que a difusão da devoção na região trouxe um aumento progressivo da afluência de romeiros, sobretudo na segunda metade do século XX, o que implicou na necessidade de ampliar os espaços do Santuário e melhorar as condições para a peregrinação dos devotos. Um Santuário novo e bem maior foi construído, entre 1945 e 1963, juntamente com um Seminário Apostólico, cujos clérigos passaram a orientar as práticas devocionais e organizar as romarias.

Mais recentemente, os antigos espaços edificados passaram por reformas, visando à revitalização dos mesmos frente a um processo de patrimonialização cultural em curso. Esse processo inclui o tombamento do Antigo Santuário como bem cultural, em início da década de 2000, pelo IPHAE-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do RS. As obras de restauro do antigo Santuário iniciaram em 2005 e foram entregues em agosto de 2012. Mais recentemente, a Secretaria Estadual da Cultura do RS, por meio do próprio IPHAE, propôs e publicou no Diário Oficial do Estado (21/05/2012) o aviso de notificação de tombamento provisório da Linha Pedro Salgado e Linha Palmeiro, nos municípios de Bento Gonçalves e Farroupilha, que formam o entorno do Santuário. O argumento para o tombamento baseou-se na relevância da paisagem cultural da região e seu valor ambiental.

Esses dois processos convergem para a preservação do Santuário e

seu entorno, favorecendo que os romeiros que se dirigem para lá vivenciem uma ambiência devocional ampliada, na qual espaços físicos sacralizados se hibridizam com espaços de natureza, produzindo experiências devocionais também híbridas⁸.

No âmbito dessas mudanças em curso, a Romaria de Caravaggio vem apresentando, nas últimas edições, elementos importantes à interpretação da imaginação religiosa manifesta nesta devoção mariana, por um lado, e, por outro, a posteriori, permitiu perceber implicações das estratégias de caráter modernizante operantes no evento, apreendidas em diálogo com o campo de atuação dos seus atores.

Tais estratégias caracterizam-se por agenciamentos na infraestrutura do Santuário, assim como dos caminhos que levam ao mesmo, visando proporcionar o “bom atendimento dos romeiros”, como afirmou em entrevista o Reitor do Seminário, Pe. Volmir Comparin. Essa preocupação com o bem estar dos romeiros complementa-se com outras obras relacionadas à ambiência do Santuário: um salão para deslocar os ex-votos que estavam fixados no interior da antiga Matriz, um restaurante amplo, um salão para confissões, pequenas lojas para vendas de artigos religiosos e souvenirs de Caravaggio, além de um projeto paisagístico que inclui amplo espaço de estacionamento, vários bancos para os romeiros apreciarem a paisagem natural do entorno, e um largo com esculturas que reproduzem a Via Sacra, localizado atrás do Seminário contíguo ao Santuário.

No âmbito organizacional da Romaria, a estratégia centrou-se em promover pequenas romarias, ao longo do ano (em 2012, foram oito), produzindo ciclos devocionais sazonais que convergem para o período central do evento, em maio.

Estas estratégias de modernização estariam vinculadas mais amplamente à dimensão atual do processo de patrimonialização dessa manifestação devocional, sobrepondo-se aos resíduos de experiências que eram comuns nesse lugar hierofânico de devoção, e que agora se encontram obliterados por uma nova configuração espacial e simbólica que se projeta no Santuário⁹. Mais profundamente, nessa configuração projeta-se uma articulação de processos de legitimação, presentes nas aproximações e distanciamentos que se produzem nos cursos de ação dos peregrinos e de outros atores sociais envolvidos¹⁰, agentes importantes da paisagem devocional do catolicismo tradicional popular.

Entre os fluxos de peregrinação devocional

A participação na 132ª Romaria de N. Sra. de Caravaggio ocorreu entre 22 e 23 de maio de 2011¹¹, acompanhando o circuito devocional constitutivo desta paisagem religiosa e estabelecendo diálogo com uma dimensão importante desta festividade Mariana, tão cara aos devotos e agentes que se esforçam em empreender anualmente seus motivos e expectativas para a realização da Romaria.

Logo no sábado pela manhã, o café em uma padaria no centro da cidade foi importante pelo contato com um jornal impresso que circula nesta região, *O Pioneiro*, contendo alguns relatos das expectativas da cidade referente ao contingente de pessoas que deveriam se deslocar à cidade de Farroupilha nestes dias de festividades. Eram esperadas 400 mil pessoas.

Os cerca de 7 km entre o centro da cidade e o Santuário de Caravaggio foram superados pelo uso do transporte urbano da cidade. Os ônibus equipados com moderno sistema de ar condicionado, somados ao conforto de seu ambiente interno, retomavam a memória de um registro anterior, de que esta cidade ocupava o 27º lugar entre as cidades mais desenvolvidas do Brasil.

No trajeto, o contraste entre a paisagem urbana da cidade, com seus inúmeros prédios, e a insurgente imagem de campos e colinas tornando-se mais recorrentes ao adentrar cada vez mais pela Rodovia dos Romeiros, marcam a primeira percepção obtida pelos pesquisadores nessa experiência de trabalho, mostrando a riqueza de ambientes que compõem o município de Farroupilha e o entorno do Santuário¹².

Pelo caminho, se visualizava um contingente ainda pequeno de peregrinos que se deslocavam pela Rodovia dos Romeiros. Basicamente, formam-se grupos pouco numerosos, sendo que os peregrinos exteriorizam em suas vestimentas a preocupação de proteger-se contra o sol, já intenso às 9 horas da manhã, somado a um estilo de peregrino *fitness* – tênis e calça esportiva¹³ – que poderia sugerir uma primeira tipificação do peregrino encontrado na Romaria.

Após cerca de 25 minutos, a chegada às proximidades do Santuário tornava possível dimensionar melhor o contingente de participantes na Romaria. Diferentemente do trajeto realizado pela Rodovia dos Romeiros, desde o centro da cidade de Farroupilha, a Avenida Dom José Barea, que interliga essa rodovia com outro trajeto, inicialmente constituído próximo

à cidade de Caxias do Sul¹⁴, e o Largo do Santuário, encontrava-se lotada de peregrinos em deslocamento.

No lugar, já é possível perceber distinções entre as pessoas que são romeiros, peregrinos e turistas¹⁵, sobretudo porque nas proximidades do Santuário encontram-se extensas áreas planejadas para estacionamento de carros e ônibus¹⁶, de onde surgem pessoas que mobilizavam um distanciamento dos locais de maior efervescência devocional.



Figura 01. Santuário de N. S. do Caravaggio.
Fonte: Arquivo dos autores (2011).



Figura 02. Devotos na visitação à Imagem de N. Sra. de Caravaggio.
Fonte: Arquivo dos autores (2011).

De forma distinta desses, peregrinos e romeiros traziam consigo a marca do trajeto realizado, o cansaço somado à emoção de terem realizado suas promessas, ou mais profundamente terem confirmado os seus votos (Steil, 2003), que se evidenciava em formas de comoção coletiva à chegada das pessoas e grupos ao largo do Santuário.

Carregando réplicas de casas, fotos de familiares e pertences pessoais na condição de oferta de ex-votos, somados a grande quantidade de flores depositadas nos altares das três imagens de Caravaggio, os volumes de objetos depositados exigiam um trabalho intenso e articulado por parte dos agentes voluntários que compunham a equipe de organização da festa.

A espacialidade do Santuário é marcada pela suntuosidade da nova Matriz, avistada a quilômetros de distância, devido a estar localizada em uma região alta entre as montanhas que caracterizam o ambiente típico da serra gaúcha.

Há uma diversidade de edificações a compor o entorno do Santuário. No largo central, a capela antiga, a sala de ex-votos, a sala das velas, a grandiosa igreja nova em conjunto com seu largo, o seminário que se encontra atrás da igreja, acompanhado de um restaurante e da reitoria do Seminário ali localizado, uma loja de artigos religiosos, a bica de água benta aludindo à aparição da Virgem. Atrás e mais abaixo desse complexo, encontra-se outro largo, com esculturas representando a via sacra, dispostas em círculo. E beirando as áreas marginais há diversos bancos, onde as pessoas podem apreciar paisagens naturais da serra. Esse cenário sugere um roteiro de peregrinação acessado por muitos devotos, quase sequencialmente, como parte dos ritos da Romaria. Porém, é evidente que nem todos os devotos acessam o espaço do Santuário de forma conjunta, estabelecendo diferentes conexões de participação a partir de variáveis, tais como, o tempo disposto a permanecer na Romaria, os motivos das promessas, a acessibilidade aos espaços, entre outros, produzindo-se diferentes itinerários possíveis à apropriação dos fiéis.

A afeição devocional dos peregrinos se exterioriza constantemente nas promessas cumpridas por graças alcançadas; no encontro ou (re)encontro com o ambiente físico do Santuário, com a Imagem da Santa; nas amizades obtidas nas idas e vindas de peregrinações, com os(as) companheiros(as) de comunidade religiosa, confidentes da labuta cotidiana da vida; nas marcas produzidas pelo trajeto do ano anterior e impressas na própria corporeidade. Tais aspectos, somados às narrativas que relatam histórias de outras romarias já percorridas, pelos devotos, traduzem os elementos importantes na constituição da paisagem

religiosa existente neste contexto. Assim, uma sociabilidade vinculada expressivamente à religiosidade popular se manifesta no ambiente do Santuário.

Quem vai a Caravaggio também leva consigo os objetos comprados nas bancas de artigos religiosos. Outra alternativa é acessar uma área fora do largo, onde se encontra uma feira popular de vendedores que, em edições anteriores, perambulavam pela Romaria e, agora, estão organizados nesse espaço, expondo os mais diferentes artigos, alimentos e brinquedos destinados ao entretenimento das pessoas.

Os lugares de maior demanda dos devotos são a antiga capela, anteriormente utilizada também como lugar de guarda dos ex-votos, e o Templo do Santuário. Durante os dias 22, 23 e 26 de maio de 2011, a Imagem Peregrina da Virgem ficou exposta em uma tenda ao lado do Santuário, proporcionando a visitação dos devotos que se aglutinam nos momentos de chegada ao largo, seguidos de períodos em que a estrutura do rito litúrgico é realizada no largo, através de missas campais.

No sábado, dia 22, ocorriam fluxos constantes de aumento e diminuição do contingente de pessoas pelos lugares existentes no Santuário. Esse movimento de idas e vindas deixava marcado, nos circuitos de chegada e saída, os espaços de descontinuidade do evento, produzindo uma percepção de esvaziamento na Romaria. Tal impressão foi constantemente reivindicada por parte das pessoas responsáveis pela manutenção das tendas de venda de objetos religiosos e da barraca que ofertava um suculento pão com linguiça, nas mediações do Largo do Santuário.

Esse dia foi encerrado com uma Missa realizada no interior do Santuário.

No amanhecer de domingo, no deslocamento para o ponto de ônibus que conduzia ao Santuário, no centro da cidade de Farroupilha, podia-se perceber, diferentemente de outras festividades marianas¹⁷, que tanto o centro da cidade quanto o próprio caminho que conduzia à Romaria não expunham marcas de publicização do evento que estava ocorrendo. Ao contrário, outro evento que estava ocorrendo na cidade, a FENAKIWI¹⁸, recebeu um cuidado especial na produção de *banners* espalhados sistematicamente pela cidade, exteriorizando uma diferente espacialidade festiva, que contrastava e concorria com a religiosa.

Desde cedo, a Rodovia dos Romeiros já apresentava um maior contingente de peregrinos que do dia anterior, contudo, este ainda ficava bem abaixo da quantidade de pessoas que usavam o percurso entre a cidade de

Caxias do Sul e o Santuário. Este caminho, realizado em estrada de terra pelos sítios da zona rural entre estas cidades, recebe um cuidado especial por parte das autoridades e agentes da organização da Romaria, por ser permitido aí somente o trânsito de peregrinos.

Nesse trajeto, legitimado pela peregrinação dos imigrantes italianos de Caxias que iniciou a devoção, havia postos para atendimento aos peregrinos (estruturas em lona), organizados pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Tratava-se de um trabalho de monitoramento da *performance* dos peregrinos vindos à Caravaggio, envolvendo alunos dos cursos de graduação em enfermagem, educação física e nutrição. Os alunos realizavam o monitoramento do batimento cardíaco e da pressão arterial das pessoas, com aparelhos na forma de braceletes utilizados na passagem dos peregrinos pelos postos espalhados no trajeto, gerando relatórios para análises posteriores.

Outro elemento relevante percebido entre peregrinos no trajeto e na aproximação ao Santuário era a captação de imagens através de celulares e *handycams* (câmeras foto-filmadoras), que os inseriam muitas vezes em uma disputa de apropriação por posicionamentos estratégicos para realizar a melhor imagem. Esse fenômeno do uso de tecnologias de registro audiovisual pelos devotos, já analisado por Lopes (2012, 2011, 2010), apresenta possibilidades e limitações nessas práticas devocionais. Sobretudo, percebe-se em tal uso dinâmicas de reflexividade individuais e coletivas que ressignificam e atualizam percepções e imagens que os devotos produzem em suas participações nas manifestações religiosas. Os produtos dessa reflexividade passam por apropriações circulares entre os próprios devotos, entre eles e as organizações das festas religiosas, geralmente projetados como sensibilidades devocionais exteriorizadas, mas também produzindo processos de patrimonialização de tais eventos, entre outras transformações por que passa o campo religioso do catolicismo popular.

No caso da Romaria de Caravaggio esses processos se acentuam pelo fato do Santuário ter sido tombado com bem cultural, e são favorecidos também pelas belas paisagens arquitetônicas e pela localização em uma região de grande exuberância, com a existência de vales que podem ser admirados desde as dependências do Santuário.

As missas no domingo compõem aspecto importante também. Essas já contavam com uma maior quantidade de devotos e os seus movimentos, realizados interna e externamente ao Santuário, potencializavam a busca de uma espacialidade que projetasse todos ao interior do mesmo. Assim, a

entrega das hóstias pelos ministros manifestava uma concorrência e uma síntese dessa espacialidade, expressando a dimensão de comensalidade na Romaria. Enquanto as barracas de alimentação entre o Santuário e a Capela Antiga atraíam os peregrinos, os mesmos eram constrangidos no instante em que estavam realizando seus lanches, em certos momentos e casos, pela comunhão de outros com o próprio “corpo de cristo”.

Segundo depoimento do Reitor do Santuário, Pe. Volmir Comparin, esse é um dos momentos em que a coordenação da Romaria busca, cada vez mais, ampliar seus ambientes sacralizados, uma vez que a liturgia das missas encontra-se em permanente disputa com a dimensão profana da religiosidade, manifesta no comércio popular, na venda de bebidas alcoólicas, em jogos diversos e outros entretenimentos¹⁹.

Assim, os espaços do Santuário são marcados contemporaneamente pela incorporação de estratégias de modernização, verificadas na acústica interna e externa a estes ambientes; nas reformas para revitalização do Santuário e da antiga Capela; na adaptação de uma antiga sala de eventos para a alocação dos ex-votos, antes dispostos na capela antiga; na construção de infraestrutura sanitária para atendimentos aos romeiros; na otimização de espaços externos para uso de estacionamento e na apropriação de agenciamentos e patrocínios da Romaria.

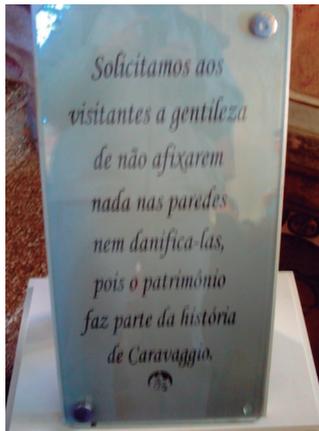


Figura 03. Placa de orientação às novas práticas e uso das dependências da nova sala de ex-votos.

Fonte: Arquivo dos autores (2011).



Figura 04. Antiga capela de ex-votos, frequentada pelos devotos na prestação de promessas.
Fonte: Arquivo dos autores (2011).

Essa última estratégia é a que chama mais atenção, ultimamente. A coordenação do Santuário, juntamente com Mauri Demarchi, proprietário da rede de lojas Pró-Cor Tintas, conseguiu angariar o patrocínio da empresa AkzoNobel, proprietária da indústria de tintas Coral, através do projeto socioambiental “Tudo de cor para você”²⁰, e realizou uma consulta via *web*, para definir as cores a serem utilizadas na pintura das edificações. A campanha do projeto, na *web*, conta com Luiz Felipe Scolari – Felipão, ex-técnico da seleção brasileira de futebol – como padrinho.



Figura 05. Divulgação do projeto “Tudo de cor para você” junto ao Santuário de Caravaggio.
Fonte: Arquivo dos autores (2012)

Soma-se a isso a proposta da coordenação do Santuário de produzir canais na *web* para o Peregrino Virtual²¹, podendo o devoto acessar os ambientes existentes em toda a estrutura do Santuário, de qualquer lugar onde esteja conectado à rede mundial de computadores.

A romaria encerra-se no final da manhã, com um rito processual que carrega a imagem da Santa pela localidade, gerando comoção e sensibilidades em gestos de afetividade na passagem do andor, carregado por guardiões voluntários da santa. A procissão é realizada em um percurso de não mais que 50 metros, em frente ao Santuário, por entre as dependências do largo, demarcando uma espacialidade que prioriza a relevância do ambiente religioso frente outras possibilidades possíveis.

Em algumas conversas realizadas com peregrinos foi possível reconhecer os motivos mobilizados para participação na procissão: a prosperidade financeira almejada, a sorte buscada para toda a família, a cura de doenças enfrentadas no cotidiano, a felicidade das graças alcançadas. Porém, entre uma fala e outra, escapava o descontentamento por parte dos homens de terem que apressar o consumo das bebidas alcoólicas²², usadas para suportar os 18 ou 25 km de caminhadas de alguns, como também, por parte de algumas mulheres, dos valores das imagens de santos nas barracas de objetos religiosos, tendo estas que recorrer à feira popular para especular um preço mais próximo de suas condições.

Outro fato exteriorizou-se na conversa com um menino de cerca de 14 anos, acompanhado de sua avó, que capturava algumas fotos junto ao altar colocado ao lado do Santuário para acesso à Imagem Peregrina de Caravaggio. Questionado sobre o uso das imagens que estava capturando, responde: “Gosto de tirar fotos. Não tenho Orkut ainda, mas quero fazer para colocá-las ai. Viemos hoje à tarde de Dois Irmãos, passamos primeiro pela festa do Kiwi. Quer um?”

Os elementos relatados pelo menino reforçam alguns agenciamentos complementares e operantes na Romaria, como no caso da FENAKIWI, e o emprego de instrumentos de apropriação de imagens anteriormente usados, na maioria das vezes, por pesquisadores e jornalistas, agora incorporados às práticas dos próprios devotos.

Notas interpretativas da Romaria de Caravaggio

Considerando as descrições de registros históricos e empíricos

apresentados anteriormente, podemos realizar alguns apontamentos e observações relevantes.

A Romaria da N. S. do Caravaggio apresenta importantes elementos para pensarmos as transformações por que tem passado o campo religioso do catolicismo tradicional popular.

Neste ponto, um diálogo preliminar com obras importantes, tais como os estudos realizados por Fernandes (1992), Brandão (1985, 1986) e Steil (1996), manifestam algumas rupturas e mudanças estratégicas na composição dos ritos de peregrinação das Romarias. Assim, elementos como o caráter de espontaneidade ritual, mais próximo à prática cotidiana dos devotos; a transfiguração de experiências já existentes no cotidiano destes atores, manifestando um caráter descrito como pertencente à composição da dimensão popular dos ritos; o uso particular de estratégias de composição da devoção, sua eficácia, característica da manipulação dos símbolos e significados coexistentes nos circuitos de sacralização realizados pelos devotos, entre outros, passam a ser confrontados pela otimização do uso do espaço sagrado condicionada pelos processos de patrimonialização dos Santuários católicos²³, agora assediados pela prática do turismo religioso.

Nesse sentido, a trajetória histórica proposta inicialmente, no caso da reconfiguração da espacialidade do Santuário de Caravaggio, dispôs diacronicamente algumas reformas que afetam sincronicamente as relações entre devotos,romeiros, a coordenação do Santuário e a espacialidade do lugar. Além da construção do novo Santuário, a Capela antiga, utilizada em tempos anteriores como sala de ex-votos – depois como depositária desses objetos nos períodos de realização da Romaria – passa agora por reformas para recuperação e preservação de suas características arquitetônicas originais. Devido a tal reforma, os ex-votos foram transferidos para a antiga sala de eventos, adaptada esteticamente para expor os objetos em painéis simétricos, com características museológicas, e dispostos em seções temáticas: históricos, casamentos, formaturas, crianças, curas de doenças, etc. Essa nova configuração apresenta um panorama de institucionalização das experiências devocionais, pela incorporação de estratégias de modernização desses espaços. Esse processo coloca em evidência não somente a transformação desses lugares sagrados, mas, também, das tipicidades impressas às práticas dos atores-devotos, que são influenciados a também incorporar em seus “atos de fé” novas atitudes condicionadas pelas lógicas racionais operantes na dinâmica de modernização do Santuário, da Romaria e das próprias experiências religiosas.

Exemplo disso, também presente nos estudos citados anteriormente, seria o caráter de ingenuidade atribuído por parte do clero à maneira “irracional” dos fiéis se relacionarem com a sua devoção. Tal relação poderia ser vista, segundo alguns clérigos, em aspectos do culto aos santos, onde os devotos, mesmo que em contextos extraordinários, exteriorizam uma afetividade tamanha, não medindo esforços ao percorrerem distâncias enormes em procissão, prestando promessas que ora entoam a alegria da graça realizada, ora revivem instantes desconfortáveis da labuta cotidiana dos problemas enfrentados, em uma reflexividade própria do processo que deixa impresso em sua corporeidade a marca do trajeto percorrido, nas romarias²⁴.

O discurso do clero, exposto em muitos momentos na realização das missas – e difundido por aparelhos de amplificação sonora no interior e exterior do Santuário – marca a convergência de interesses acerca da “conversão” dos devotos a uma identidade católica vinculada à santidade ideal, para a obtenção do reino de Deus.

Desse quadro referencial, intencionamos destacar que a ambiência reformada e modernizada do Santuário expressa um modelo de racionalidade simétrica – uma racionalidade extensivamente difundida como condicionamento às práticas devocionais – disposta como única lógica de ação e distante da dimensão plural de experiências característica da vida cotidiana das camadas populares (Certeau, 1996). E complementar a tal idealização do caráter de devoção a ser inculcado nos devotos, sobrepõe-se à manifestação religiosa uma dimensão característica da identidade do imigrante italiano.

O mito do “conflito colono” é resgatado durante o período da Romaria para abordar, no mais das vezes, o percurso histórico desenvolvido pelo povo em caminhada, desvinculado da ideia de disputa e conflito típica de períodos anteriores, agora materializado como a contribuição dos colonos italianos ao desenvolvimento da região, sua importância na manutenção da religião autêntica²⁵ e, importante, as contribuições destes à formação da família cristã, vinculada ao ideal de homem trabalhador e fiel a sua crença.

Este contexto apresenta relevância à análise pela importância que a dimensão de uma suposta “autenticidade identitária” apresenta em tempos de globalização acelerada, potencializando os sentidos expostos pela singularidade local, neste caso, já existente nas práticas e reivindicações dos colonos. O discurso da autenticidade reproduz uma perspectiva de interdependência entre experiências culturais, econômicas, políticas e re-

ligiosas, desenvolvidas em percurso histórico, transcendendo dessa forma uma dimensão de eficácia aos pertencimentos de sujeitos que conseguem projetar suas práticas vinculadas a um referente coletivo. Essa estratégia propicia aos sujeitos elementos importantes para a construção do repertório de práticas e experiências a serem difundidos e postos em evidência²⁶.

Retomando as características típicas destes momentos extraordinários constituídos pelas Romarias Marianas, Rosendahl (1996) apresenta em sua leitura da composição da paisagem religiosa o processo de sacralização dos espaços hierofânicos:

O espaço sagrado é um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. É por meio de símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade (Rosendahl, 1996, p. 30).

Tal panorama apresentado mostra que o processo de modernização que afeta as práticas devocionais tradicionais coloca-as constantemente à prova, frente às mudanças que afetam seus processos de mediação com o sagrado, pela apropriação de novos meios de produção e de gestão das práticas religiosas, incrementados pelas inovações tecnológicas ofertadas por um mercado em acelerada transformação.

Nesse sentido, autores como Postman (1994) já analisaram que as tecnologias mudam o que é pensado pelas pessoas, a maneira como as pessoas pensam e o contexto em que pensam, pois, na medida em que a aceleração da informação retroage sobre as escolhas e práticas dos mesmos, potencializa a perda de sentido do uso e eficácia de elementos tão caros às tradições, num processo de simplificação de apreensão dos sentidos realizado de forma parcial e incompleta.

Seguindo esta mesma linha de raciocínio, Latour (2004) também expôs algumas consequências desse processo, no que estabeleceu como “comunicação de duplo-clique”: a deformidade ocorrida pelo imediatismo do uso das tecnologias informacionais que se pretendem guardiãs das narrativas historicamente constituídas. Tal investida coloca à prova as possibilidades e limitações do uso indiscriminado dos instrumentos tecnológicos para a composição de narrativas que apresentem um repertório significativo e mais próximo do acúmulo das experiências humanas ao longo de seu processo histórico.

Complementar a esta dimensão, a disputa pela legitimidade do uso e do monopólio dos bens de salvação (Bourdieu, 1974) ocasionada pelas mudanças no campo religioso brasileiro, mais precisamente, aquelas exteriorizadas em disputas midiáticas entre as mais diferentes denominações religiosas, trazem a este campo religioso plural implicações na ordem da manutenção dos repertórios de práticas devocionais, tentando atribuir maior eficácia e efetividade às estratégias de conversão religiosa²⁷.

Os estudos do caráter secular das sociedades modernas também vieram ampliar o debate sobre a relevância da autenticidade de subjetividades religiosas deixadas às margens das instituições tradicionais. Sobretudo, tendo-se em vista que nas sociedades contemporâneas, em suas intrincadas teias de entrelaçamentos de sentidos, o trânsito religioso (Almeida, 2010) é um dos aspectos em evidência, conformando a individualização de uma religiosidade (Hervieu-Léger, 2008) arraigada nas narrativas de um repertório devocional ancestral, além do mesmo ser apropriado por diferentes experiências dos indivíduos com o sagrado, não mais vinculadas às lógicas operantes pela cultura de normatização das religiões tradicionais.

Nos limites desse artigo, o que pode ser evidenciado pela experiência vivenciada junto ao circuito devocional da Romaria do Caravaggio, é a difusão contemporânea de processos de modernização dos Santuários católicos, que pode ser constatado, por exemplo, desde o contexto do Santuário de Aparecida, no estado de São Paulo. Complementar às reformas e arranjos na espacialidade desses santuários, justificadas sempre para melhor atendimento dos romeiros²⁸, produz-se um conjunto de outras atividades, como as missas televisionadas, as experiências devocionais virtuais acessíveis em sítios na *web*²⁹, como também, a otimização e higienização dos lugares sagrados dos Santuários. Essa modernização expõe uma dinâmica contemporânea de gestão dos bens de salvação, ligada às lógicas institucionais de racionalização destes mesmos processos e das manifestações religiosas populares. E o turismo religioso é colocado aqui como uma das possibilidades de agenciamento de recursos para atender as necessidades de tal modernização.



Figura 06. Devotos observando os motivos dos ex-votos em sua nova sala.
Fonte: Arquivo dos autores (2011).



Figura 07. Imagem da Capela Antiga, à esquerda e a nova sala de ex-votos, à direita.
Fonte: Arquivo dos autores (2011).

De outra parte, o que é material e simbolicamente gerado pela idealização destas mudanças nos santuários é diferentemente apropriado pelos devotos e romeiros, no caso de Caravaggio. Da perspectiva massiva de acesso, essa diferença remete ao sentido de privação da familiaridade com a devoção, causado pela institucionalização das práticas devocionais, como exposto por vários romeiros. Da perspectiva pessoal de acesso, o controle sistemático de manutenção dos espaços e do comportamento dos devotos é transgredido regularmente, seja pelos fluxos irregulares de trânsitos coletivos entre as atividades oficiais da programação religiosa e as atividades do mercado de bens religiosos e de entretenimento popular circundante, seja pelas inserções desautorizadas de objetos e fotografias nos interstícios da disposição simétrica dos painéis existentes na sala de ex-votos.



Figura 08. Exemplos de inserções de imagens nos painéis da Sala de ex-votos.
Fonte: Arquivo dos autores (2012).

Enfim, o caso do Santuário de Caravaggio permite pensar em uma ressignificação da imaginação devocional e religiosa, que anteriormente se vinculava a uma maior autonomia na manipulação e no uso dos bens e espaços devocionais dos santuários católicos, projetando às experiências coletivas e individuais sentidos que requerem uma maior normatização e institucionalização dos modos de agir dos devotos.

De outro ângulo, a situação que engendra as estratégias de modernização do Santuário, por parte dos agentes religiosos institucionalizados, traz uma difícil tarefa à manutenção e ao gerenciamento desses espaços, que necessitam, sem sombra de dúvidas, de uma organização estrutural para comportar o contingente de devotos que demandam acessos durante os períodos da Romaria, ou nos atendimentos diários nas missas e nos serviços de pastoral.

Finalização

As descrições históricas e empíricas apresentadas nesse estudo, limitadas pelo recorte imposto, pretendeu recompor alguns dados parciais de pesquisa junto à Romaria de N. Sra. do Caravaggio, realizada em incursões etnográficas e acessos a sítios da *web*. A abordagem esforçou-se em salientar uma dimensão intersubjetiva, buscando abarcar diferentes ângulos do campo de pesquisa, enfatizando a dinâmica operante sobre as práticas e os discursos que se mostram ora em antagonismo, ora complementares e contíguos, de uma forma abrangente. Tal ambivalência deve-se ao fato dos atores dessa manifestação ocuparem posições no evento que se querem

significativamente participantes nas atribuições dos sentidos que aproximam ou distanciam uns aos outros, de maneira a se constituírem como integrantes da mesma trama de significados, nessa paisagem religiosa.

Por fim, reconhecemos a importância de um maior aprofundamento acerca da dinâmica desenvolvida pelos agentes religiosos especializados, como também pelo atores-devotos populares, ao estarem em permanente adaptação ou confronto com as estratégias religiosas de modernização. Esse processo pode manifestar novos arranjos institucionais, dissonâncias ou atualizações das práticas legitimadas por uma maior institucionalização dos ritos, ou, de outra maneira, acentuar a própria dinâmica de continuidade das tradições religiosas populares, através da manipulação de bens e espaços religiosos. O certo é que essa dinâmica está a compor, ao longo do tempo, novos repertórios de imagens e sensibilidades que se modificam, ao evocar a continuidade de participação dos devotos nos seus “atos de fé”, em tempos de aceleradas mudanças.

Notas

* Professor Titular do PPG Ciências Sociais, UNISINOS. Agradecimentos ao CNPq e a FAPERGS, pelos financiamentos da pesquisa cujos dados são aqui parcialmente considerados.

** Graduando em Ciências Sociais e Bolsista PIBIC CNPq/UNISINOS.

¹ O projeto de pesquisa intitulado “Devoções marianas, agenciamentos tecnológicos e reflexividades” objetivou investigar a apropriação que os sujeitos populares operam das tecnologias de registro audiovisual das e nas manifestações religiosas, produzindo uma reflexividade de suas próprias crenças e práticas religiosas. Do quadro complexo das causalidades reconhecidas nesse fenômeno, optamos por apresentar, aqui, uma análise da expansão de um modo de modernização das culturas locais, assentado na valorização das experiências pessoais e da performance cultural ou religiosa.

² O sentido de coetaneidade que se estabelece entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa, na experiência etnográfica, foi definido por Fabian (2006, p. 59) como compartilhamento do espaço e do tempo das manifestações produzidas e vividas pelos sujeitos pesquisados, possibilitando ao pesquisador uma objetivação da experiência comum vivenciada. Tal coetaneidade foi estabelecida, na pesquisa, pela vivência partilhada das experiências de romeiros nos rituais centrais da Romaria de Caravaggio, entre 2010 e 2012, seguindo a orientação de Turner (2008) de buscar compreender a romaria como uma ação simbólica que dramatiza o ser devoto.

³ A cidade de Farroupilha compreende uma população com cerca de 63.293 habitantes (Censo IBGE 2010). Encontra-se em ponto de intersecção das rodovias Estaduais RS 453 e RS 122, entre as cidades de Bento Gonçalves e Caxias do Sul, na região da Serra Gaúcha, RS.

⁴ Nesse sentido, a origem da Romaria de Caravaggio remonta ao que Steil (2004) denominou de catolicismo de imigração.

⁵ As descrições desses mitos foram condensadas do livro escrito pelo Pe. Olívio Bertuol (1951). Esta obra é importante para o entendimento dos desdobramentos ocorridos à constituição da devoção de N. Sra. de Caravaggio como é hoje, pois articula tanto o mito de origem da devoção na Itália, passando pela chegada das famílias na localidade de D. Isabel, atual cidade de Bento Gonçalves, e a ocupação da área que será conhecida posteriormente como Caravaggio, em Farroupilha, fechando com dados do início da festa votiva que ocorre em fevereiro e o início da construção do Novo Santuário.

⁶ Uma leitura contemporânea desse fenômeno, relativizado em alguns pontos pelos deslocamentos e transformações que impactaram o mesmo, é apresentada em Steil e Alves (2003), ao analisar a aparição de Maria na cidade de Taquari, RS, configurando em seguida a continuidade da devoção a N.Sra. da Assunção. As pessoas que se apresentam, aparentemente, como confidentes das aparições da Virgem Maria, em suas diferentes representações, na maioria das vezes são relegadas ao anonimato pela apropriação e controle do clero sobre as devoções Marianas. O clero, de forma estratégica, lança mão de discursos e práticas nos quais reivindicam o controle devocional pela legitimidade da manipulação dos bens de salvação, e pela “narrativa autêntica” da anunciação do reino de Deus, tendo uma centralidade fundamental para a reprodução dos dogmas institucionalizados pela Igreja Católica.

⁷ Após a construção da capela, foi encomendada uma nova imagem de Caravaggio, em madeira, realizada pelo artista plástico conhecido pelo nome de Stangherlin. O quadro original da virgem foi devolvido à família Fáoro, ficando em cuidado dessa até o término da obra do novo Santuário.

⁸ Ver, nesse sentido, as elaborações de Castro (2008) e de Carvalho e Steil (2008). Estes últimos, sobretudo, analisaram como os aspectos cênicos (paisagens) e a potência dos lugares naturais tornaram-se supostas fontes de bem-estar às espiritualidades das *religiões do self* e a indústria do ecoturismo.

⁹ Nesses termos, buscamos apreender se os processos de modernização que se impõem sobre a Romaria de Caravaggio configuram-se em estratégias que denotariam a estruturação da antiestrutura, efeito que o tempo (a longa duração) traz para as “*communitas*”. Segundo Turner (2008: 195), o tempo traz a estrutura e a consolida na peregrinação. Isso implica que as peregrinações, nas suas relações sociais, revelam a qualidade de “*communitas*”; “e, em peregrinações há muito estabelecidas esta qualidade se articula, até certo ponto, com a estrutura social circundante através da sua organização social” (Turner, 2008, p. 156).

¹⁰ No caso da notificação de tombamento da paisagem cultural do entrono do Santuário, a iniciativa da Secretaria da Cultura do Estado teve repercussões negativas na cidade. Setores administrativos do município, associados a pequenos proprietários locais e o Sindicato de Trabalhadores Rurais do município, reuniram-se e propuseram a impugnação do tombamento, considerando que ele poderia trazer prejuízos ao desenvolvimento econômico local. (ver manifestação da prefeitura local no site: Farroupilha se posiciona contrariamente ao tombamento da paisagem cultural da Linha Palmeiro, disponível em <<http://www.farroupilha.rs.gov.br/content/view/3294/>>, publicada em 15/06/2012, acesso em 31.12.2012).

¹¹ Embora optemos por descrever, aqui, os acontecimentos observados na Romaria de 2011, durante os anos de 2010 a 2012, realizamos várias outras incursões etnográficas ao Santuário, acompanhando os rituais das Romarias, o cotidiano do lugar e pequenos grupos deromeiros.

¹² O estudo de Steil e Alves (2003) sobre a aparição de N. Sra. da Assunção, na cidade de Taquari, além de constatar as mudanças ocorridas nesse fenômeno religioso, como a

constituição de um self sagrado na transposição da vidência para mensagens, sendo estas proferidas por locuções interiores, e o controle da devoção por parte do clero, remetendo ao anonimato os locutores das aparições, destaca, sobretudo, a importância do contato deste cenário presente na natureza: “Neste sentido, o ambiente bucólico e rural que tem servido de moldura para a maioria das aparições marianas não seria algo accidental, portanto, mas se constitui num elemento central para a presença e reprodução, ainda que inconsciente, do mito na atualidade” (Steil & Alves, 2003: 185).

¹³ Esse estilo *fitness* de peregrinação já foi reconhecido por Toniol (2012), ao etnografar o projeto “Caminhadas na natureza”, desenvolvido em municípios do Vale do Ivaí, no estado de Santa Catarina. Segundo o autor, a difusão das práticas de caminhada na natureza, assim como de diversos Caminhos religiosos e ecológicos, no país, tem desenvolvido um mercado de produtos específicos para os praticantes, como roupas e acessórios.

¹⁴ Este trajeto de peregrinação remonta às origens locais da própria devoção a Caravaggio. A imagem exposta no Santuário é a mesma que foi trazida em peregrinação da cidade de Caxias do Sul, pelos colonos imigrantes, no início do século XX, após ser esculpida pelo artista plástico conhecido pelo nome de Stangherlin. Esse caminho permanece desde este período, e mesmo não sendo possível dimensionar exatamente o contingente de peregrinos que realizavam este trajeto, os que foram questionados relataram que eram todos da cidade de Caxias do Sul.

¹⁵ A diferenciação entre romeiros e turistas segue aqui a descrição elaborada por Steil (1996) em seu estudo sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa, na Bahia, e atualizada em Steil (2003, p. 251): “De um lado temos o modelo convivial de uma comunidade emocional e religiosa, que Víctor Turner e Edith Turner chamaram de *communitas* [...]; de outro, temos o modelo da sociedade de corte, marcado por uma convivência ‘fria e calculada’, que poderia ser expresso pela ideia de sociedades, da forma como a entende Norbert Elias”. O primeiro caso estaria circunscrito à condição dos romeiros, e o segundo, à representação dos turistas. Essa dimensão é importante por apresentar aspectos de modificações provocadas pela interação desses atores no campo religioso do catolicismo, enfatizando conflitos e apropriações diversas das devoções Marianas. Ver, nesse sentido, o estudo de Lopes (2011) sobre o Círio de Nazaré, em Belém, PA.

¹⁶ Formam disponibilizados cerca de 200 ônibus pelas três empresas responsáveis pelo transporte dos devotos para as cidades de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Antônio Prado e Flores da Cunha. Somados ao contingente de ônibus de empresas que conduziam excursões particulares de outras cidades, organizadas por agências de turismo e Paróquias de outras regiões, geravam um acúmulo de veículos que exigia uma organização específica por parte da equipe responsável pelo evento.

¹⁷ A sensibilidade mobilizada nessa percepção foi obtida pela participação dos pesquisadores em outras festas marianas no Estado do Rio Grande do Sul, e no Pará, desde o ano de 2009. A Festa de N. S. dos Navegantes, de Porto Alegre (em menor número), a Romaria de N. Sra. da Medianeira de Santa Maria, e o Círio de Nazaré, em Belém do Pará, com uma extensiva carga de motivos exteriorizados, expunham a articulação de diferentes agentes na marcação de lugares nas cidades, de forma a criar uma espacialidade que imprimisse significativamente a existência de tais eventos. Diferentemente, em Farroupilha a impressão era de um “silêncio distanciador” que exigia de parte dos pesquisadores uma atenção maior

para apreender características típicas desse evento, colocando a exigência de precisar melhor as particularidades/singularidades específicas da Romaria de Caravaggio.

¹⁸ A FENAKIWI era denominada anteriormente de FESTMALHA. Organizada pela Câmara de Dirigentes Lojistas da cidade (CDL), conta com a participação de expositores e produtores de Kiwi da região. A cidade de Farroupilha já reivindica o título de Capital Nacional do Kiwi. Este evento coloca-se como uma estrutura de turismo paralela à Romaria, sendo que, em diversos momentos nas incursões etnográficas, alguns devotos declaravam que tinham vindo de outras cidades do Estado, onde estes dois eventos faziam parte do pacote de viagens organizado por suas paróquias de origem.

¹⁹ Essa interferência da organização clerical da Romaria sobre o comércio de ambulantes foi destacada por alguns comerciantes, que reclamaram por suas barracas terem sido afastadas do largo do Santuário, durante as Romarias.

²⁰ O projeto “Tudo de cor para você” objetiva revitalizar vários patrimônios culturais brasileiros, através da pintura, tendo já se efetivado nos centros históricos de Salvador (BA), Paraty (RJ), Ouro Preto (MG), Olinda (PE), Porto Alegre e Bento Gonçalves (RS). Detalhes do projeto podem ser conferidos em <www.tudodecorparavoce.com.br>, acesso em 31.12.2012. Para assistir a campanha do projeto “Tudo de cor para o Santuário de Caravaggio”, com o vídeo de Felipão, acessar: <http://www.youtube.com/watch?v=oE_vdPaKWqE>, acesso em 31.12.2012.

²¹ Esta proposta de Peregrino Virtual segue um padrão midiático estabelecido desde as modernizações realizadas em grandes Santuários católicos, como os de Aparecida, no estado de São Paulo, e de Nazaré, em Belém do Pará. Para maior apreensão dessa característica evidenciada acessar: <http://www.caravaggio.org.br/site/passeio_virtual/santuario_externo/index.htm>, <http://www.a12.com/santuario/multimedia/peregrinacao_virtual.asp>, <<http://www.criodenzazare.com.br/v2.0/index.php?action=Destaque.principal>>; acessados em 31.12.2012.

²² No domingo pela manhã uma cena chamou a atenção dos pesquisadores. Um senhor, aparentemente com cerca de 50 anos, foi abordado por 5 policiais que faziam a segurança do largo do Santuário. Depois de conversarem por algum tempo com este homem, pedindo que mostrasse o que havia dentro de sua mochila, orientaram que não se podia consumir bebida alcoólica nesse lugar. Apresentando sinais de embriaguês, o senhor mostrou-se constrangido pela situação, não deixando de argumentar incessantemente: “Eu sou um cidadão de bem, sou trabalhador, só bebi um pouco. Vim lá de Caxias. Caminhei 4 horas, isso cansa”.

²³ Os processos de patrimonialização cultural dos santuários e outros locais de cultos religiosos não são exclusividade do catolicismo. Durante a Reunião de Antropologia do Mercosul, ocorrida em Curitiba, em 2011, apresentações na mesa redonda intitulada “Religiões, visibilidade pública e políticas de patrimonialização”, formada de pesquisadores do Brasil e da Argentina, expuseram processos diversos de patrimonialização cultural de templos e santuários no Candomblé, no catolicismo e entre evangélicos. A apresentação da mesa concebia que “especialmente na América Latina, as políticas de patrimonialização dizem respeito às religiões, fato que tende a repercutir no interior das redes institucionais religiosas, exigindo reordenamentos simbólicos significativos” (IX Reunião Brasileira De Antropologia, 2011, p. 72; Ludueña 2012). Embora se deva reconhecer que a patrimonialização de bens religiosos vem se tornando uma chave cultural para católicos e outras denominações religiosas (Lopes, 2012), é importante destacar que, ao menos no contexto brasileiro, as políticas

de patrimonialização não se referem exclusivamente aos segmentos religiosos, incluindo o patrimônio religioso no rol de ações voltadas à preservação do patrimônio cultural, como se apreende nas políticas atuais.

²⁴ Discursos semelhantes foram proferidos, em 2010, por clérigos responsáveis pela organização do Círio de Nazaré, em Belém (PA), ao comentarem em programas televisivos o sacrifício de romeiros junto à corda, na principal procissão daquela festa religiosa.

²⁵ Nesse contexto, a concepção de autenticidade é legitimada e complementada pelos referentes de ancestralidade, mantidos pelas tradições da comunidade de imigrantes locais, que ainda convivem com seus dialetos e costumes, no entorno do Santuário. como exposto na análise de outras festividades religiosas por Lopes (2012a).

²⁶ Exemplo desse repertório pode ser constatado em festas de colonos, como a CONTRACAR, vinculada aos ritos das pré-romarias, a Romaria Votiva, onde os colonos trazem seus instrumentos de trabalhos para serem consagrados pela Virgem de Caravaggio, dando significado e importância a suas práticas de manutenção e projeção de vida.

²⁷ Embora essas estratégias sejam pensadas por Bourdieu nas relações entre tradições religiosas distintas, buscamos evidenciar que elas também são produzidas nas relações entre o clero e os romeiros, no processo de modernização em foco.

²⁸ No caso do Santuário de Aparecida, a necessidade de melhor atendimento ao romeiro justificou a construção de um complexo comercial e de hospedagem no espaço contíguo à Basílica, além de outras melhorias.

²⁹ Estudo acerca dessas experiências devocionais virtuais foi desenvolvido por Lopes (2009).

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ronaldo de. Religião em trânsito. In: MARTINS, Carlos B.; DUARTE, Luiz F. D. (coords.) *Horizonte das ciências sociais no Brasil: antropologia*. São Paulo: ANPOCS, 2010, p. 367-405.

BENEDETTI, Luiz R. *Os santos nômades e o Deus estabelecido*. São Paulo: Paulinas, 1983.

BERTUOL, Pe. Olívio. *Milagrosa Rainha de Caravaggio*. Canoas: Editora La Salle, 1951.

BOURDIEU, Pierre. *Gênese e estrutura do campo religioso*. In: BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BRANDÃO, Carlos R. *Memória do Sagrado: estudo de religião e ritual*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

_____. *Os deuses do povo*. Um estudo sobre religião popular. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura; STEIL, Carlos Alberto. A sacralização da natureza e a “naturalização” do sagrado; Aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. *Revista Ambiente & Sociedade*, Campinas v. XI, n. 2, p. 289-305, jul./dez. 2008.

- CASTRO, Jânio Roque Barros de. A topografia do sagrado e a natureza mítica das cidades-santuários: uma leitura a partir de Bom Jesus da Lapa/BA. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n° 24, p. 33-43, jul.-dez./2008.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do Cotidiano* (Vol. 2 Artes de fazer). 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FABIAN, Johannes. A prática etnográfica como compartilhamento do tempo e como objetivação. *Mana*, Rio de Janeiro, Vol. 12, n° 2, p. 503-520, 2006.
- FERNANDES, Rubem Cezar. *Os Cavaleiros do Bom Jesus. Uma introdução às religiões populares*. SP: Brasiliense, 1982.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: A religião em movimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- HOORNAERT, E. A cristandade durante a primeira época colonial. In: HOORNAERT, E. e Outros. *História da igreja no Brasil*; ensaio de interpretação a partir do povo. (Tomo II/I). 3.ed. SP: Paulinas/Petrópolis: Vozes, 1983, p. 245-411.
- IX RAM. *Culturas, encontros e desigualdades* (Caderno de resumos e programação). Curitiba, PR: EDUFPR, 10 a 13/07/2011.
- LATOUR, Bruno. *Não congelarás a Imagem, ou: como não desentender o debate ciência-religião*. *Mana* 10(2): 349-376, 2004.
- LOPES, José Rogério. Festas religiosas, fluxos identitários e hibridismos na esfera pública. In: ORO, Ari P.; STEIL, Carlos A.; CIPRIANI, Roberto; GIUMBELLI, Emerson (orgs.). *A religião no espaço público: objetos e atores*. SP: Terceiro Nome, 2012, p. 13
- _____. O divino retorno; Uma abordagem fenomenológica de fluxos identitários entre a religião e a cultura. *Etnográfica*, Lisboa, 16(2), p. 339-364, junho de 2012a.
- _____. Círio de Nazaré: agenciamentos, conflitos e negociação da identidade amazônica. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 31(1), p. 155-181, 2011.
- _____. *A imagética da devoção*; a iconografia popular como mediação entre o ethos religioso e a consciência da realidade. Porto Alegre: EDUFRGS, 2010.
- _____. Devoções, ciberespaço e imaginário religioso; uma análise dos altares virtuais. *Civitas*, Porto Alegre, Vol. 9, n° 2, p. 224-242, mai.-ago./2009.
- LUDUEÑA, Gustavo A. Visibilidad pública, “nueva evangelización” y multiculturalismo en el patrimonio religioso de la ciudad de Buenos Aires. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, RS, Vol. 48, n° 1, p. 19-28, jan.-abr./2012.
- STEIL, Carlos A. *O Sertão das Romarias*; Um estudo antropológico do Santuário de Bom Jesus da Lapa. Petrópolis: Vozes, 1996.
- STEIL, Carlos A.; ALVES, Daniel. “Eu sou Nossa Senhora da Assunção”. A aparição de Maria em Taquari (RS). In: STEIL, Carlos A.; MARIZ, Cecília L.; REESINK, Mísia L. (orgs.) *Maria entre os vivos*. Reflexões teóricas e etnografias sobre aparições marianas no Brasil. Porto Alegre: UFRGS Ed., 2003, p. 175-202.

- REESINK, Mísia L. Romeiros e Turistas no Santuário de Bom Jesus da Lapa. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, Ano 9, Nº 20, p. 249-261, 2003a.
- _____. Catolicismo e Memória no Rio Grande do Sul. *Debates no NER*, Porto Alegre, Ano 5, Nº 5, p. 9-30, Junho de 2004.
- TONIOL, Rodrigo. *No rastro das caminhadas*; etnografia de uma política de turismo rural no Vale do Ivaí, SC. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)–Porto Alegre, PPGAS/UFRGS, 2012, 151 p.
- VAN VELSEN, J. A análise situacional e o método de estudo de caso detalhado. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.) *Antropologia das sociedades contemporâneas; métodos*. São Paulo: Global, 1987, p..
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose*; antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1994.
- ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, NEPE, 1996.
- TURNER, Victor. Peregrinação como processos sociais. In: *Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: EdUFF, 2008, p. 155-214.